



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# O CISNE de BORRACHA

Por MANUEL NUNES

**O** Luizinho era um belo menino. Estudante bastante aplicado, enchia os seus papás de orgulho.

Andava na 2.ª classe, mas até francês já sabia, pois a mãe, naqueles bocadinhos em que ele se aborrecia de brincar, lho ia ensinando.

Não era preguiçoso, pelo que os seus trabalhos escolares andavam sempre em dia.

Luizinho, além dos seus brinquedos, que os possuía às dúzias, tinha também um cão.

Chamava-se Joc e era um lindo lobo



de Alsácia, muito meigo, companheiro predilecto das suas brincadeiras.

Estava-se nas férias grandes, que os poriam deabalada até ao Estoril.

Os preparativos, as embalagens, não davam cuidado ao Luizinho. Lá estavam os criados e a sua mamã para

cuidarem disso. Alguma coisa de mais complicado o preocupava. Era como seria conduzido um lindo cisne em borracha, daqueles de encher de ar, igual ao que o Juca o ano passado tinha, quando estava em Oeiras.

Fôra-lhe oferecido pelos seus papás, em recompensa de ter passado de classe com belo aproveitamento.

Porque, como os meninos sabem, todos os pais, sejam ricos ou pobres, recompensam sempre as boas provas ou acções dos filhos, e, se não podem, fica-lhes sempre a satisfação moral do dever cumprido.

Mas vamos ao nosso assunto.

Agora sim, pensava o Luizinho.

Sempre é melhor do que brincar na água com o Joc. Pobre animal, que para o ver satisfeito, a tudo se tinha prestado o ano passado.

Já no Estoril, ei-lo pela praia em direcção ao mar, na companhia da criada que levava, de braço, o enorme e lindo cisne, e à qual ele recomendava muito cuidado, não o fôsse ela estragar.

Joc, muito comprometido, com o ar de quem assiste a festa sem ser convidado, com as orelhas muito penduradas, lá seguia atrás dele.

— Nada! Só de um menino como o Luizinho! Excluí-lo das brincadeiras, a ele, Joc, seu inseparável companheiro! Trocá-lo por um reles boneco de borracha! Impossível! Talvez o Luizinho o admita na brincadeira.

Lança-se à água e tenta despertar-lhe a atenção.

Mas Luizinho não lhe liga importância e chega mesmo a correr com ele.

Então, Joc, já exaltado e cheio de ciume... zás, zás, ferra os dentes no pescoço do lindo cisne.

Nem me quero lembrar!

Luizinho, *chape que chape*, água fora, chega à praia e, com o pauzinho que fazia de remo, bateu-lhe, bateu tanto que lhe partiu uma patinha.

Que mau! Se Joc fez uma má acção tem desculpa porque é um irracio-



nal... Mas o Luizinho! Nunca devia tê-lo castigado tão duramente.

Joc, dorido e aleijado, lá se arrastou para casa, onde Rafael, o motorista, o tratou conforme pôde para, no dia seguinte, de manhã, o levarem ao veterinário. Também o Luizinho foi ter com ele, para que, com os remédios das câmaras de ar, lhe concertasse o seu lindo cisne. Duas horas depois, ei-lo que aparece na praia, todo risonho, com o cisne já concertado. Joc também para lá já se tinha arrastado. Focinho enterrado na areia, a olhar, a olhar, talvez já arrependido do que fizera.

(Continua na pág. 3)

# AS ROSAS DA PRINCEZINHA

III Por IDALINA C. RODRIGUES III

**N**UM reino, muito distante, existia uma princezinha muito má. Nunca praticara uma boa acção; dos seus lábios nunca tinha saído uma palavra de bondade; dos seus olhos jamais brotaram lágrimas e no seu coração não havia lugar para a amizade.

Quando algum infeliz, diante dela, contava as suas mágoas, a princesa ria, ria como se fosse a história mais divertida que estivesse ouvindo!

O rei e a rainha, que eram bons e justos, tinham um grande desgosto por a filha ser tão má, e o povo não a estimava. A sua única afeição eram as rosas. Adorava-as, e, por isso, os jardins do palácio eram um encanto, cheios de roseiras, que a princezinha acarinhava com o olhar, chegando mesmo a beijá-las com ternura.

Ora, nessa época, existiam fadas (porque isto já se passou há muitíssimo tempo) e, um dia, a Fada da Bondade, revoltada com tanta maldade da princesa, resolveu castigá-la e, severamente, disse-lhe:

— «Em castigo da tua falta de bondade para com os infelizes, cujas desditas são para ti motivo de alegria, prova do teu mau coração, quando olhares para as rosas, que tanto adoras, estas transformar-se-ão em cardos tão feios como as acções que tens praticado, e só perderás este condão, quando sentires pena da desventura alheia, e dos teus olhos correrem lágrimas de compaixão!

O castigo da fada cumpriu-se.

A princezinha, mal olhava para as rosas, via estas transformarem-se em cardos! Já não havia uma única rosa nos jardins do palácio! Estavam todos cobertos de cardos que o rei mandava arrancar mas, logo em seguida, como por encanto, outros nasciam. A princesa andava triste; o rei mandou vir rosas de toda a parte; porém, logo que o seu olhar se pousava nelas, só cardos surgiam em lugar das rosas, e todos viam, neste estranho caso, como que um castigo à sua maldade!

Passou-se algum tempo... A princezinha já não queria passear nos jardins agora tão tristes e, muitas vezes, saía furtivamente do palácio e ia passear pelos campos, sempre triste, e sempre má, também. Entretanto, certo dia, num desses passeios, viu sentada na relva uma pequena esfarrapada que chorava tristemente. Logo, num impulso do seu mau coração, gritou, cheia de cólera... — «Que fazes aqui? No meu caminho, não quero encontrar gente como tu!... Vai-te daqui, depressa!»

— «Já não posso andar mais, menina! (respondeu a infeliz) Tenho fome, sofro tanto!...» e mostrava um rosto tão magoado e sofredor que a princesa, ao vê-lo, sentiu uma sensação desconhecida para ela. Então, perguntou-lhe em voz mais branda: — «Tens fome? Sofres muito?»

— «Oh sim, muito! Desde que a minha mãezinha morreu, muito tenho sofrido! Como, quando alguém, compadecido, me dá esmola, durmo pelos campos, ou nos palheiros, muitas vezes ao frio e à chuva. Ah, se a menina pudesse compreender o que é ter fome, e não ter um lar, nem os carinhos duma mãe!» E a pequena soluçava.

A princesa, ao ouvir o infortúnio da infeliz, já não ria, como era seu costume. Qualquer coisa se passava nela, muito triste, mas muito suave, que a fez estender as mãos à pequena, até que, numa voz cheia de doçura, disse: — «Vem comigo; no palácio, terás o que te falta, e eu, graças a ti, serei de futuro meiga e boa para com os infelizes! Só agora, compreendo o sofrimento! E há tantos infelizes que teem fome, e sofrem como tu!»

E dos olhos da princesa, que nunca chorava, caíam lágrimas de compaixão!

Oh! maravilha!... ao voltar para o palácio, a princesa viu nos seus jardins rosas por toda a parte!

E, desde então, foi sempre boa e carinhosa; nunca mais riu da desgraça alheia, e, muitas vezes, repetia: — «Como é belo praticar o bem! Oh, que feliz me sinto quando posso secar as lágrimas a algum desgraçado!»

O povo, hoje, adora-a e, nos jardins do palácio, brotam sempre rosas tão lindas como as da princezinha!



# Farolinhas Domadora

Por MARIA DOS MILAGRES

**F**AROLINHAS Faroleta  
 E' já quasi uma senhora,  
 Mas cada vez mais pateta.  
 Há pouco teve a mania  
 — Vejam lá que fantasia! —  
 De tornar-se domadora.

Como lhe faltam recursos  
 Para domar as panteras,  
 Vai à feira e traz dois ursos.  
 Julga-se, então, já na arena,  
 De botas altas, serena,  
 Com ardôr, domando feras!



Os ursos eram — que horror! —  
 Velhos, magros e feiões.  
 Fazia medo o maior;  
 E o outro, mais pequenote,  
 Usava sempre um capote,  
 Por ser fraco dos pulmões.

Dava uns abraços tremendos  
 O grande urso, o «Não-querer»  
 E o da capa de remendos,  
 Chamava-se o «Foge-à gente»,  
 Porque, às vezes, de repente,  
 Tinha a «pecha» de fugir.

De noite a nossa matreira,  
 Vendo entretidos os pais,  
 Abre a porta à capoeira,  
 Onde, com dificuldade,  
 Tôda cheia de ansiedade,  
 Encafúa os animais.

Nem dormiu, de comovida,  
 E, logo, de manhã cedo,  
 Quando se apanhou vestida,  
 Foi a nossa Farolinhas  
 A' jaula das férazinhas,  
 Com leite e pão, sem ter medo.



Mas fracassou-lhe a coragem  
 Ao descobrir que os maganos  
 Se entregavam à pilhagem,  
 — Depois de arrombada a porta —  
 Das alfacinhas da horta;  
 Eram vegetarianos!

Ela só, tudo a dormir,  
 Que receio, que aflição!  
 Chegando-se a «Não-querer»

(Continua na pág. 7)

## O CISNE DE BORRACHA (Continuação da pág. 2)

E a brincadeira recomeçou.  
 Porém, daí a pouco, é interrompido  
 por uns meninos que lhe pedem para  
 ir buscar uma bola, que o mar tinha  
 levado para três ou quatro metros  
 além.

— «Como tens essa boia — (diziam-  
 eles) — podes lá chegar e não vais ao  
 fundo.»

E êle, todo orgulhoso, para mostrar  
 a utilidade do seu lindo cisne, lá se  
 afastou, um metro, mais outro, mas a  
 bola, que parecia quieta, também se  
 ia afastando mais um metro, mais ou-  
 tro.

Estava escrito que aquilo havia de  
 ter mau fim.

E assim, Luizinho, sem dar por isso,  
 afastou-se demais.

Quando a criada, gritando-lhe, cha-  
 mou a sua atenção, já era tarde.

Um redemoínho envolve-o, rodopia,  
 rodopia, lança-o do cisne abaixo, mer-  
 gulha uma, duas vezes. Alguns que  
 sabem nadar, atiram-se à água. Em  
 terra, os gritos são pavorosos; os na-  
 dadores não conseguem chegar ao pé  
 do Luizinho, porque o redemoínho  
 era muito forte e envolvê-los-ia tam-  
 bém.



Nisto, ouve-se um latido, de dôr  
 com certeza pela sua patinha. Fôra o  
 Joc que se arrojara ao mar.

Nobre animal!

Vê-se que avança um palmo, mais  
 outro, outro ainda e consegue deitar  
 os dentes ao Luizinho, no momento  
 em que, pela última vez, se afundava.

Entretanto, chegou o banheiro com o  
 botê, e iça o Luizinho e depois o Joc.  
 Em terra, rapidamente, empregaram  
 os meios em uso para o fazer voltar  
 a si. E em casa, na sua caminha muito  
 quentinha, à mãe, que felizmente só  
 soube do acontecido quando Luizinho  
 já estava salvo, êle ainda lhe pre-  
 gunta:

— «Máizinha... O Cisne?...»

Então ela, ralhando, diz-lhe:

— «Sim, sim!... Mas se não fôsse o  
 Joc, aquele belo animal, teus pais  
 chorariam agora a tua morte, lamentan-  
 do amargamente o ter-te dado  
 aquele maldito boneco. Joc salvou-te,  
 quando desaparecias para sempre.»

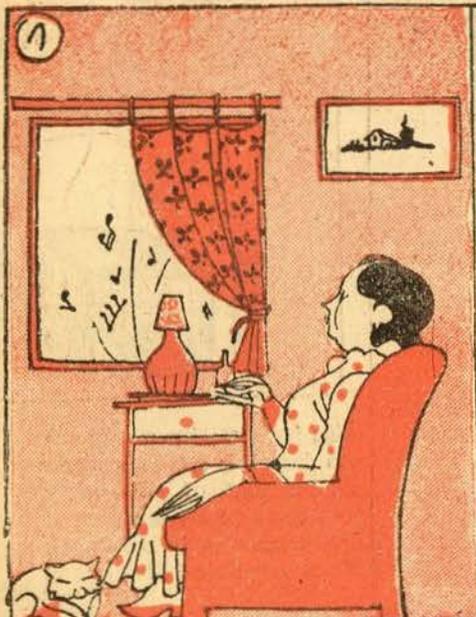
Luizinho, com os olhitos rasos de  
 lágrimas, pede, então, que lho tragam  
 e, abraçando-se a êle (que, com as  
 orelhas muito espetadas, os olhos  
 muito vivos, o parece compreender),  
 diz-lhe, soluçando:

— «Joc... não... mais o cisne...  
 não!!...»

F I M

# CASTIGO MERECIDO

POR CESAR MADEIRA — DESENHOS DE DINARCO



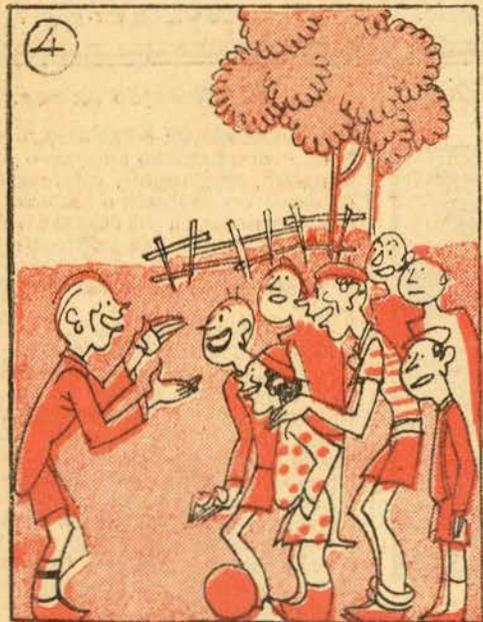
I — Uma senhora doente, para tratar da saúde, alugou a casa em frente, mesmo junto do talude.



II — Sofre de dôr de cabeça e barulho não suporta; mas a canalha travessa não lhe larga a sua porta.



III — Ela, então, como é bondosa, por todos bôlos reparte e pede-lhes dona Rosa, que vão para outra parte.



IV — «É um negócio bem bom, bom e de encher o bandulho!» diz a todos o Danton: — «Vamos fazer mais barulho!»



V — Verdadeiro batalhão logo à porta se juntou. Mas salta de lá um cão que de susto os trespassou.



VI — No talude rebolaram, esborrachando os narizes; e eis o muito que ganharam os tais velhacos pêtizes.

DINARCO

# AS AMBICÕES DUM COELHOINHO

Por VIRGINIA NEVES VIDAL

2.º PRÊMIO DO CONCURSO DE CONTOS

**E**RA uma vez um coelho branco que vivia numa gaiola.

Um dia, acabando de roer um talo de couve, pôs-se a pensar em voz alta:

— «Como sou desgraçado! Aqui, prêsco, nesta caixa de madeira, vendo apenas através

de uma pequena réde; roendo, de vez em quando, umas folhitas de couve, uns bocadinhos de cenoura... restos que a minha dona me dá... A's vezes, também traz umas ervas tenrinhas, é certo. Mas eu ambiciono outras coisas. Como eu gostaria de saír desta terrível prisão, correr pelos campos fora, comer as ervas tenras nos prados, beber a água pura dos regatos, saltar, enfim, pelos campos, além! Ah! Se eu soubesse de um bruxo que me tirasse de aqui, que bom seria! Como eu correria feliz, em busca de aventuras!»

Nisto, aparece, em frente dele, um anãozinho que, tendo na cabeça um barrete encarnado, lhe diz:

— «Ora viva, amigo coelho! Como tens passado? Pelo que ouvi, não estás contente com a tua sorte. Então, vamos lá a saber. Que deseja o meu amigo? Saír desta confortável casinha onde há tantas

— «Está bem, meu coelho. Vou abrir a gaiola e tu serás livre. Irás em busca de aventuras. Adeus!»

A gaiola abriu-se e o coelho saltou para a estrada. Deitou a correr pelos prados e nem sequer olhava para traz! Sal-



que êle me coma? Ah, se me aparecesse o anãozinho do barrete encarnado, êle me ensinaria a maneira de lá entrar sem que o lobo me visse!»

Mal acabava de falar, logo lhe aparecia o anãozinho do barrete encarnado.

— «Eis-me, coelho branco! Vou ensinar-te como deves entrar em casa do lobo. Escuta: A' direita da casa, há uma árvore muito grande. O tronco é ôco. Introduz-te nele e irás ter onde desejas.»

O destemido coelho não quiz ouvir mais nada. Correu, correu, procurou a árvore e meteu-se pelo tronco. Andou imenso tempo às escuras, até que se encontrou dentro da própria casa do senhor lobo. Olhou em redor. A' sua frente estava uma mesa sobre a qual se encontrava a laranjinha de ouro, o pássaro azul e a campainha. A' porta da casa, o lobo dormia. O coelho, muito surrateiro, pegou no que estava sobre a mesa e saiu por onde tinha entrado.

Minutos depois, ençôntrou-se à porta da gruta. Bateu; mas a misteriosa porta não se abriu. Então, lembrou-se de tocar a campainha que levava. Acto contínuo, o passarinho voou, a laranjinha fugiu-lhe das mãos e a porta abriu-se.



tava, rebojava-se pelo chão, louco de contentamento.

— «Como eu me sinto feliz! — (exclamava o coelho.) Isto, sim. Isto é a verdadeira felicidade! Eu te abenço, anãozinho amigo!»

Não sei dizer quanto tempo andou o coelho. O certo é que, quando já estava cansado, viu, ao longe, uns canzarrões a caçar. Só teve tempo de se refugiar numa gruta, que estava perto dele. Os cães passaram e o coelho ponde, enfim, respirar.

Dentro da gruta, o coelho começou a olhar em volta de si e viu, ao fundo, uma grande porta. O nosso aventureiro dirigiu-se para ela e tentou abri-la; inutilmente, porém.

De súbito, apareceu-lhe um anãozinho de barrete verde, que lhe disse:

— «Queres abrir essa porta, coelho branco?»

— «Quero, sim, Senhor Anão. Mas como hei-de fazer?»

O Anãozinho respondeu:

— «Vou explicar-te. Sobes à montanha que está em frente e vê se consegues entrar em casa do lobo. Êle está deitado à entrada da porta. Dentro da casa está uma laranjinha de ouro, um passarinho azul e uma campainha. Se conseguires trazer essas coisas, a porta abrir-se-á.»

Dizendo isto, desapareceu.

O coelho coçou a cabeça, muito perplexo, exclamando:

— «Como posso eu ir a casa do lobo sem



ervas, tanta fôlha de couve? Onde és tratado com tanta meiguice pela tua dona? Queres fugir?! Desprezá-la?! Deixar aquela que te tem tratado com tal cuidado, aquela que te criou desde pequenino?!

O coelho branco, embora comovido, respondeu:

— «Sim, quero sair daqui. Estou farto desta gaiola; quero ser livre, saltar pelos campos fora, satisfazer o meu espírito aventureiro!»

O anãozinho, tendo espalhada no rosto uma expressão de tristeza, disse:

Como estava contente e orgulhoso com a sua façanha o pobre coelho! Entrou. A porta fechou-se atrás dele. De repente, começaram a aparecer, por todos os lados, imensos anõesinhos. Todos êles riam como perdidos, escarnecendo o pobre coelho. Estiveram, assim, imenso tempo.

Debalde o coelho tentava fugir-lhes, correndo pelos imensos salões com maravilhosas colunas do vasto palácio dos anõesinhos. Tudo era inútil. Por todos os lados lhe surgiam os mesmos entezinhos grotescos, a rir, de barbicha espetada, ba-

# O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Minhas queridas Abelhinhas:

A vossa amiguinha, sempre na intenção de vos arranjar uns trabalhos agradáveis onde encontrem não só a utilidade na prática como, também, um certo interesse pelo trabalho, traz-vos, hoje, este pequenino «napperon» onde encontrareis as duas coisas reünidas.

Executando-o e procurando aperfeiçoar-vos concorrereis, assim, para adquirir uma prática que só vos poderá ser útil.

E como o desenho é engraçado, estou certa de que a vossa atenção irá acompanhando sempre com interesse a sua execução.

Pode êle ser feito, e ficará muito bem, sobre linho branco e bordado também a branco, com linha brilhante.

Mas se o vosso gosto preferir em côr, também a isso se presta bastante.

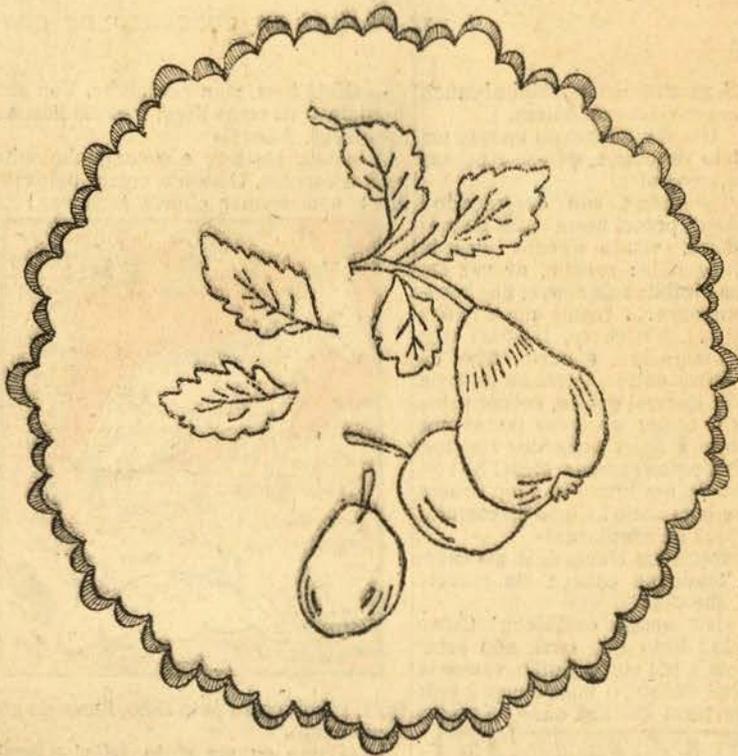
Supondo o fundo creme, escolheremos a *filoselle* verde para fazer a pera e verde mais escuro para tôdas as folhas. Os abrunhos são roxos com o pé castanho.

Finalmente, o recorte é amarelo, côr de palha.

Não ficará menos bonito, se o bordarem todo a branco sobre linho de qualquer côr.

Abraça-as, com muita amizade, a vossa

ABELHA MESTRA



tendo com as mãos no ventre. As horas iam passando e o coelhinho branco começou a sentir fome.

Tentou, então, fugir. Mas, ô quê? A porta estava fechada e os anões riam, cada vez mais. Desolado, o coelhinho pôs-se a chorar. Compadecidos já, os anões perguntaram-lhe o que queria e êle respondeu, humildemente, que tinha fome.

Apresentaram-lhe, por isso, lindas bandejas com comida da mais variada, mas daquela, que os coelhos não costumam comer. O coelhinho branco fez uma careta desconsolada. De novo, os anõezinhos riram e um deles disse-lhe:

— «Então, tu tens fome? Não querias aventuras? Aqui as tens. Não te contentavas com as boas e frescas ervinhas que a tua dona te dava? Tens aqui êstes manjares. Queres ir para a rua? Saltar pelos campos? Então vai. Depressa te arrependerás, quando sentires no pescoço os dentes dos cães ou o bago de chumbo dos caçadores.»

O coelhinho cada vez chorava mais. Como êle desejava encontrar-se na sua casinha, comendo as folhinhas de couve que a sua dona lhe dava! Ao

menos, lá, estaria seguro. Não ouviria aqueles horríveis anões nem seria devorado pelos cães.»

## CHARADAS COMBINADAS

- + bo = Soldado
- + te = Poeta
- + bo = Animal feroz
- + bo = Soldado
- + mo = Diabo
- + ma = Lodo
- + bo = Soldado
- + to = Apelido
- + ca = Abrigo de animal
- + bo = Soldado
- + lo = Apelido
- + do = Lama

Conceito: — Quadrúpede

Solução das anteriores:

Combinadas: — Boneca  
Em frase: — 1 — Semente. 2 — Bola-cha. 3 — Sacola.

Passados momentos, os anões fôram para outra casa, deixando o coelho sozinho. Este, ouviu, depois, uns passos miudos e viu aproximar-se o bom anõezinho do barrete encarnado.

— «Pobre coelhinho! — (disse êle.) — Esta lição deve servir-te para que tu nunca mais sejas ingrato, meu pateta. Vê onde te conduziu a mania das aventuras! Deixaste a tua dona e os seus carinhos para correr mundo e, agora, eis-te aí choroso e abandonado... Que queres fazer? Dize, porque eu sou teu amigo e tenho o desejo de te ser agradável.

— «Quero fugir daqui, disse o coelhinho, tornar a ver a minha dona, comer as ricas folhinhas que ela me dava. Oh, leva-me, amigo anõezinho, e eu não tornarei mais a fugir!

O anõezinho levou-o pela mão e fê-lo sair por um pequeno buraco. Então, êle correu, correu e depressa se encontrou na sua linda gaiola, onde não faltava a comida.

Ao ver-se, de novo, na sua casa, o coelhinho chorou de alegria. O anõezinho também estava muito contente por ter dado uma tão bela lição a êsse coelhinho travêso.

# ANEDOTAS PARA OS MENINOS COLORIREM

Por MANUEL FERREIRA

Certo dia, o Manel da Esquina almoçou em casa do tio Toino. Mas, puzeram-lhe no prato um frango duro como uma pedra. Cansado, Manel parou de comer.

— Então não comes? — perguntou o dono da casa.

— Não, tio Toino. Isto é demais! Eu não costumo trabalhar ao domingo!

— No outro dia, entrou num restaurante. Levava já um pão no bolso.

Perguntou:

— Têm coelho à caçadora? Quanto custa?

— Seis escudos...

— E o mólho?

— Ah, o mólho é de graça...

— Então dê-me um prato de mólho para ensopar este pão.

— Certo dia o patrão mandou-o pôr uma carta, no correio. Quando o Manel chegou, perguntou-lhe:

Deitaste a carta?

Deitei, sim, patrão. E devem recebê-la... Cheguei ao marco correio e espirei por aquela fenda. Não vi ninguém mas, em todo o caso, disse lá

## FAROLINHAS DOMADORA

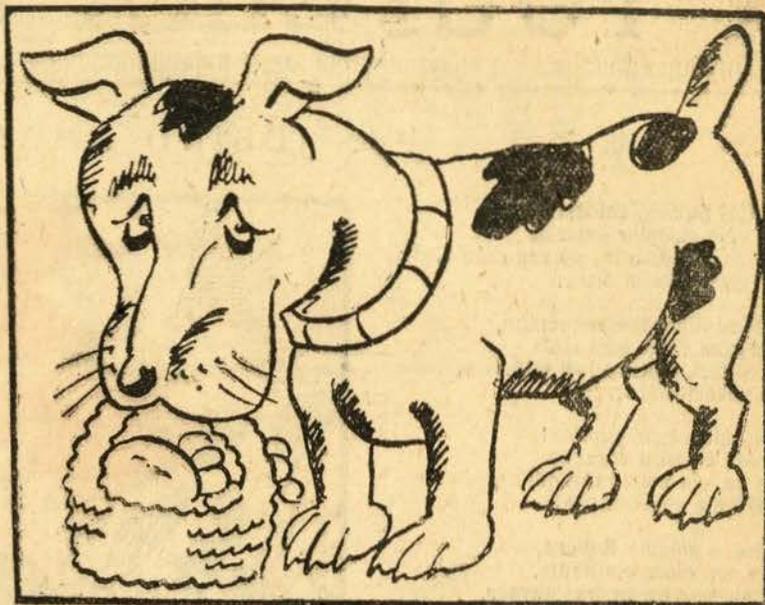
(Continuação da pág. 3)

E ao da capa remendada,  
Procura muito assustada  
Dar-lhes o leite e o pão.

Não caiem êles no laço,  
E «Não-querer-ir», sem esperar,  
Aperta num forte abraço  
A desditosa imprudente.  
Enquanto que o «Foge-à-gente»  
Já se vê, põe-se a girar.

Cheirando o leite e o pão,  
O monstro larga a pequena  
Que, aos gritos, tomba no chão.  
Ouvindo-a, pai Faroleta,  
Ligeiro como uma seta,  
Corre e assiste ao fim da cena.

E agora é melhor pôr ponto,  
Meus amigos e amiguinhas,  
Dando por findo este conto;  
Porque todos, com certeza,  
Sabem o fim da proeza  
Desta pobre Farolinhas!



para dentro: — Olhem que vai para a Covilhã! ...

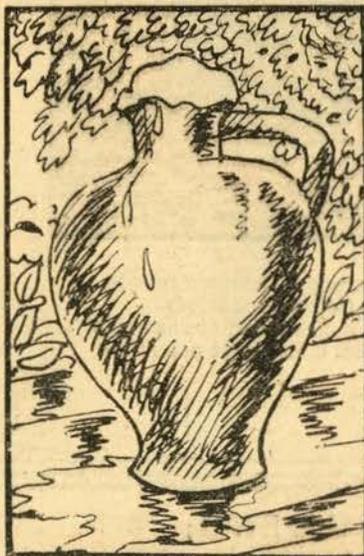
Uma noite, Manel levou o filho ao teatro. Em certa altura, o rapaz debruçou-se para ver a sala.

— Toma cuidado, Joaquim! Não caias lá em baixo, ouviste?

— Porquê, meu Pai?

— Porque os lugares, lá em baixo são mais caros!...

## A DIVINHA



Vejam se descobrem a menina que foi com esta bilhe buscar água à fonte!...

## GALERIA DE HONRA



Manuel Martins Relego

Menção honrosa do Concurso de Contos

### «O SEU A SEU DONO»

O conto a que se refere Fernando A. de Sá na narrativa que nos enviou e publicámos no nosso número anterior, intitulada: «O último moínho», é da autoria de Afonso Daudet, tendo por título: — «O segredo do tio Cornille» e faz parte do livro: — «Contos do meu moínho».

A César o que é de César...

### CONCURSO dos PALÁCIOS e MONUMENTOS

Por absoluta falta de espaço, vemo-nos forçados a suspender, por hoje, o nosso «Concurso dos Palácios e Monumentos» que prosseguirá no próximo número.

# A TOUPEIRA e o SOL

Por JOSINO AMADO

**D**UM palácio subterrâneo  
Na circular galeria,  
Turvada a luz do seu crânio,  
A toupeira assim dizia:

— «Meu filho, tão pequenino,  
Para mim vales bem mais  
Que o Sol, quando brilha a pino,  
Nos páramos siderais!

Que lindas tuas pupilas!  
No céu do meu coração  
Não há, em noites tranqüilas,  
Mais bela constelação!

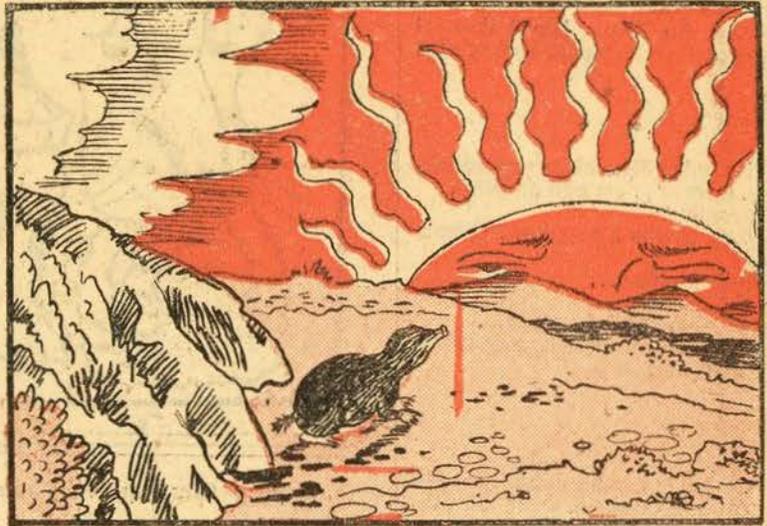
O Sol, o mágico Rúbens,  
Com seu olhar cintilante,  
Encobre-se em negras nuvens,  
Por vêr o teu mais brilhante!

Oh! que fulgor! Eu afirmo,  
Bem convencida, que Deus  
Ainda virá pedir-mo,  
Para fazer novos céus!» —

Ouvindo, à mãe, tais excessos,  
A soberba, — (vil, mesquinha,) —  
Entrou de fazer progressos  
No peito da toupeirinha.

— «Sou mais que tu, desgraçado,  
Cheio de sombrias manchas,  
Girando em fogo, apressado,  
Baldadamente as desmanchas,

O Sol, ouvindo, surpreso,  
Da toupeira a cega-rega,  
Fita a pobre com desprezo  
Por pouco a deixando cega.



Deslumbrada, a presumida  
Larga o peitoril de alfombras,  
E, gritando: — «Ai! mãe querida!» —  
Busca a escuridão das sombras.

Acode a progenitora,  
E, vendo cego o seu bem,  
Chora, chora, chora, chora,  
E quási cega também,

Depois, contristada, exclama:  
— «A arrogância brada ao céu!  
Tenha cuidado quem ama  
Para não chorar como eu!»

Que as mães com tôlas pieguices  
Jamais semeiem nos berços,  
De orgulhosas fanfarrices,  
Os instintos maus, perversos!

Portuguêsa mocidade,  
Aprendei esta lição:  
Vale bem mais a humildade,  
Que soberba e presunção!



E um dia, por tarde bela,  
Cheia de imensa importância,  
Assomando a uma janela,  
Diz ao Sol com arrogância:

Porque voltam, novamente,  
A toldar o teu fulgor!  
E o meu brilha eternamente  
Sem o mais leve palor!» —

■ F I M ■

VÊR NO PROXIMO NUMERO:

**Concurso dos Palácios e Monumentos**